

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA E O PROCESSO FORMATIVO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

Cristiane Pereira Coelho

Especialista em Docência na Educação Infantil

Secretaria municipal de Educação de Xinguara, Para. crispeco@yahoo.com

Resumo

O texto traz discussão sobre a atuação do coordenador pedagógico no processo de formação continuada de professores de educação infantil com base no planejamento e no acompanhamento do trabalho docente. A pesquisa caracterizou-se como pesquisa-ação. Analisaram-se os registros da coordenadora pedagógica, à luz dos referenciais teóricos imprescindíveis ao coordenador pedagógico da Educação Infantil, além da arguição de estudiosos acerca de ensinar e aprender na Educação Infantil. Quanto aos resultados, embora haja lacunas na rede municipal de educação do município para qualificar os serviços ofertados à educação das crianças, as experiências formativas desenvolvidas revelaram-se profícuas às profissionais envolvidas. Para as professoras, o desafio de experimentar práticas para ampliar e/ou transformar as experiências de aprendizagem oferecidas às crianças. Para a coordenadora, a adequação do planejamento das ações com intuito de provocar mudanças na prática docente, revelando também seu compromisso ético em relação à qualidade da oferta na educação infantil.

Palavras-Chave: Educação Infantil. Coordenação Pedagógica. Planejamento.

1. Introdução

Atualmente, sabe-se quão necessária é a formação específica para o professor de educação infantil, contudo, a literatura na área indica que a formação inicial para o exercício da docência nessa etapa da educação básica tem sido insuficiente para possibilitar saberes necessários aos profissionais que educam crianças menores de seis anos de idade em espaços educativos (GATTI, 2009; SECANECHIA, 2011).

Desse modo, a pesquisa busca ampliar a discussão sobre a atuação do coordenador pedagógico no processo de formação continuada do professor de Educação Infantil, sendo o planejamento e o acompanhamento da prática docente focos primordiais nesse processo formativo por acreditar que o trabalho docente dirigido à educação infantil exige um olhar atento tanto do professor como do coordenador no sentido de planejar experiências educativas amalgamadas às DCNEIs estabelecendo uma relação entre o que se propõe para as crianças e o que elas vivenciam no seu cotidiano.

¹ A pesquisa integra a monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Universidade Federal do Pará – UFPA em parceria com o Ministério da Educação – MEC sendo realizada em uma escola municipal de educação infantil e ensino fundamental situada no município de Xinguara-PA.

Em posse dessa compreensão firmaram-se os seguintes objetivos: analisar a mediação realizada pela coordenadora pedagógica junto às professoras de educação infantil; identificar possíveis inovações na prática docente impulsionadas pela ação formativa mediada pela coordenadora pedagógica. Desse modo, foi necessário, inicialmente, pensar a partir dos referenciais teóricos conceituais sobre a prática da coordenadora pedagógica e seu papel no processo de formação em contexto.

A pesquisa, de abordagem qualitativa, caracterizou-se como pesquisa-ação devido à natureza singular do objeto de estudo: a coordenadora pedagógica como coautora e mediadora no processo formativo da professora, via planejamento e acompanhamento da prática docente. Sendo assim, de um lado, a pesquisadora trata de formular conceitos, buscar informações; de outro, atores, no caso, as professoras, se dispõem a agir, a aprender, a transformar.

Os registros possibilitaram reflexões sobre as situações vividas, permitindo-me revisitar elementos que permaneciam ocultos a minha percepção ao estar envolvida nas ações cotidianas de trabalho (ZABALZA,1994). Também deram voz, por meio da linguagem escrita, ao processo formativo desenvolvido pela coordenadora pedagógica junto às professoras, possibilitando que novos caminhos fossem percorridos mesmo diante das desconfianças por parte das envolvidas a sugestões de inovação da prática docente.

2. O planejamento na educação Infantil

Para Vasconcellos (2009), um dos maiores desafios da prática pedagógica é a realização de trabalhos significativos tanto para a criança como para o professor. Portanto, o coordenador pedagógico deve estabelecer uma relação de diálogo com os professores com vistas a favorecer o processo formativo, bem como, acompanhar a organização, execução e avaliação do planejamento e assim possibilitar a tomada de consciência da necessidade de aperfeiçoamento de forma que as ações possam ser repensadas e reelaboradas a partir da troca de experiência e reflexão crítica sobre a prática.

Redin (2009) traz importante reflexão sobre o planejar na educação infantil quando diz que é preciso “confrontar fatos, acontecimentos e nossas verdades com as teorias existentes”, além disso, devemos planejar para a criança concreta com a qual nos deparamos todos os dias.

Desse modo, os diversos momentos formativos foram conduzidos haja vista aguçar a percepção da docente quanto ao seu trabalho, para isso passamos a registrar as reações das crianças diante do que foi proposto. Por meio dos registros, foi possível perceber as concepções imbuídas na prática docente, perceber pontos negativos ou positivos para depois reorganizar o planejamento (ZABALZA, 1994).

Neste trabalho observaram-se alguns avanços nas ações da professoras que, apesar da forma resistente como recebiam algumas sugestões, surpreendia-me de forma positiva, ora propondo, ora concordando em desenvolver algumas atividades sugeridas por mim, ou até mesmo permitindo a minha participação em situação de aprendizagem com suas turmas. Destacando, entre as atividades propostas, as realizadas fora da sala de referência.

3. Organização de atividades em espaços externos à sala de referência e à escola.

Considerando o que diz as DCNEIs quando sugerem “os deslocamentos e os movimentos amplos das crianças nos espaços internos e externos às salas de referência das turmas e à instituição” (BRASIL, 2010, p. 20). Passei a incentivar a realização de atividades em ambientes externos à sala, pois acredito que é possível oferecer diversas situações de aprendizagem ao utilizar o pátio da escola para as brincadeiras, os jogos e tantas outras atividades que podem ser enriquecidas em espaços mais amplos. Porém, as professoras apresentavam resistência, demonstrando insatisfação com minha reiterada insistência de reorganizar o planejamento e organizar atividades que pudessem libertar as crianças do emparedamento das salas de referência.

Essa resistência pode estar relacionada ao fato de que a professora, ao trabalhar com o objetivo de apreensão de conteúdo, retirando as crianças da sala, poderia dispersar sua atenção. Observa-se que ainda está arraigada a ideia de que as crianças aprendem melhor os conteúdos entre quatro paredes e diante dessa concepção as crianças, muitas vezes, deixam de fazer novas descobertas, potencializar o aprendizado de novas regras e interagir com outras crianças.

Nos momentos de planejamentos fui propondo atividades que garantisse o direito que toda criança tem direito de brincar e procurei aguçar a percepção da professora para a necessidade de planejar a organização de espaços para as crianças poderem brincar na área externa, assim como experiências envolvendo os elementos da natureza a fim de terem oportunidade de se expressar, observar, experimentar e de se relacionar com o meio e de construir sentidos sobre a natureza e a sociedade. Entre as atividades planejadas e desenvolvidas, fizemos um recorte onde destacamos a

aula-passeio em um bosque, constituído a partir de reflorestamento e também a organização de espaço, tempo e materiais para brincadeiras na área externa, aqui relatado, o balanço na árvore.

A aula passeio no bosque surgiu de uma conversa com as professoras durante o planejamento quando procuravam sugestão de atividades para trabalhar com as crianças o Dia da Árvore. Procurei compreender um pouco o que pretendiam e percebi em suas falas que a preocupação era meramente cumprir o cronograma de datas comemorativas existente no cronograma do município. Comecei a provocar uma reflexão sobre esse tipo de atividades e o que poderia ser feito para que 'O Dia da Árvore' pudesse ser significativo em termo de aprendizagem para as crianças. Surgiu então a proposição de visitar o bosque cujo proprietário o reflorestou e conta com muito prazer para os visitantes como transformou esse local, outrora pasto, em bosque.

A construção do balanço na árvore foi uma atividade propostas por uma das professoras. Ela levou para escola uma corda e uma tábua, organizou o balanço e o armou em uma das mangueiras no pátio, a professora conduzia a brincadeira, organizando o tempo de cada criança no brinquedo. Algumas crianças demonstravam medo se recusando a brincar enquanto outras se recusavam a sair do brinquedo. Observei que a professora não motivava as crianças as quais se recusavam a participar da atividade. É natural que a criança sinta medo ao se deparar com situação nova, mas acredito ser preciso ajudá-la a enfretar os medos oferecendo segurança e incentivo. Ao conversar com as professoras sobre esse assunto, sugeri a leitura de textos sobre como ajudar as crianças a superar os medos.

O balanço foi uma atividade repetida por vários dias a pedido das crianças e adotada pelas outras professoras. Além de proporcionar sensação de alegria e prazer, a brincadeira contribuiu para as crianças compreenderem e respeitarem regras de compartilhar o brinquedo.

Acredito que ao propor esta atividade, embora a professora inicialmente não tivesse consciência dos seus benefícios, ela (professora) propiciou às crianças, além do momento de lazer, uma possibilidade de aprendizagens, por exemplo, ao balançar no balanço, puderam perceber a sensação de velocidade, o impulso que o corpo sofre ao balançar e o equilíbrio alcançado. Em conversas sobre as observações feitas durante a brincadeira e também com as leituras fomos tomando consciencia dos benefícios desta brincadeira.

Sendo assim, comemorar o dia da árvore foi além de colorir uma árvore e conhecer suas partes, ou ouvir a professora falar dos benefícios de se plantar árvores.

As autoras Araújo e Torres (2013) confirmam que experiências como estas vivenciadas pelas crianças nas aulas passeios favorecem a conexão da criança com o ambiente natural sob uma ótica de valor próprio e simbólico. No caso da árvore, o valor próprio está na capacidade de proporcionar sombra, frutos, servir de moradia para os pássaros entre outras utilidades. O simbólico, quando fazem parte do cenário das histórias, personagens, brinquedos. E assim, “os diferentes elementos da natureza são muito mais que um recurso, quando consideramos o valor social, cultural e ambiental” (ARAÚJO e TORRES, 2013, p. 176).

Tiriba(2006) destaca que educar as crianças para uma sociedade sustentável não basta ensinar as crianças a entenderem os processos naturais e culturais, mas ensiná-las a preservar e conservar. Privar a criança de experiências fora da escola, em espaços livres é ferir os seus direitos de usufruir intensamente da natureza, de explorar os diferentes elementos que compõem a natureza.

Mesmo que as atividades acima descritas não tenham tido desdobramentos pelas professoras no sentido de ampliar as experiências vivenciadas pelas crianças, estas, em essência, proporcionaram às crianças momentos de interação, curiosidade, descobertas, aspecto bastante significativo. Por meio delas, como foi o caso da aula passeio para refletir sobre o dia da árvore, as crianças puderam ver, sentir, cheirar. Além de apreciar a paisagem e usufruir dos benefícios que as árvores proporcionam como a sombra e até saborear alguns frutos, as crianças perceberam o efeito do reflorestamento, o qual garante o sustento do proprietário e o lazer dos visitantes. E mais, garantem a sobrevivência de várias espécies de pequenos animais.

Considerações Finais

Ao analisar os dados da pesquisa observou-se, além das lacunas na formação inicial das professoras; a inadequação dos espaços e a ausência de material pedagógico específico para o público infantil que possibilitem melhores condições de trabalho. Contudo, algumas conquistas puderam ser observadas junto às professoras, como: experimentar atividades em espaços externos, realizar aulas passeio e desenvolver atividades por meio das quais a criança pudesse ser a protagonista de suas descobertas.

O processo também foi formativo para a coordenadora pedagógica. Ao reconhecer que o planejamento e o acompanhamento da prática docente para ser formativo não pode se resumir a sugestões de atividades, é necessário refletir juntamente com a professora sobre os conceitos

imbuídos nas atividades propostas, pensar em como as crianças poderão aprender com essas proposições sendo elas as protagonistas de suas descobertas.

Enfim, provocar mudanças na prática docente não significa negar o que está sendo posto, todavia transcender as práticas costumeiras com consistência teórica e instigando a experimentar o novo. Além disso, constatei que as mudanças nas ações docentes não dependem somente de esforço pessoal, mas também requer imperiosamente envolvimento dos sujeitos em questão.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. R. e TORRES, G. V.S. Sentidos e práticas da aprendizagem em ciências naturais na Educação Infantil. In: MONTEIRO, Filomena, M. A, PALMA, Rute C.D. e CARVALHO, Sandra P.T. **Processos e Práticas na formação de professores da Educação Infantil**. Cuiabá: Edufamat, 2013. Pg 175. 195).

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

GATTI, B.A.; BARRETO, E.S. de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009.

REDIN, M. M. Planejamento na educação infantil com um fio de linha e pouco de vento. In Euclides Redin, Marita Martins Redin e Fernanda Muller (Orgs). **Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

SECANECHIA, L.P.Q. **Uma interpretação a luz da ideologia discursiva sobre bebês e a creche captada em cursos de pedagogia da cidade de São Paulo**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia. PUC, São Paulo, 2011. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=13758. Acesso em 04 de agosto de 2015.

TIRIBA, L. **Crianças, natureza e educação infantil**. In Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - Caxambu, 2006.

VASCONCELOS, C. S. **Coordenação pedagógica: do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula**, 11ª Ed. / Celso dos Santos Vasconcelos. São Paulo: Liberdade Editora, 2009.

ZABALZA, M. A. **Diário de aula: contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores**. Portugal. Porto, 1994.